

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



Medieval -- Corpo 10
UNISSONO, adj. QUE TEM O mesmo som ou o mesmo número, □□□□□□□□

Medieval -- Corpo 12

ESCUDO, s. m. Arma defensiva que os antigos guerreiros

Medieval -- Corpo 16

FUNDILHO, Fundilhos, s. m. sing. e pl. re

Medieval -- Corpo 24

GLADIATO adj. que é comprimido

Medieval -- Corpo 10

DE, s. f. Cada uma das que, segundo a Mitologia

Medieval -- Corpo 12

QUEIRINHO, adj. e s. ant. e pop. Ladrão de coi



Congo

© M 11. 2. 54
CR

São cantigas de escravos? Parecem ser de escravos que daqui de São Pedro de Jacaraípe, doce praia do Espírito, eram mandados para o Rio Doce ou o Paraguai. A música desse congo é triste mas viva, e paramos o carro na estrada para ouvir.

"Catarina minha nêga teu senhor quer te vender para mandar pro Rio Doce para eu nunca mais te ver". Catarina é a amada, e é também fiandeira. "Catarina minha nêga me fiaí esse algodão que esses rapazes de agora só prometem mas não dão".

O estribilho é muitas vezes repetido: "Ora fia o fuso; oh iaiá'stou fiando". Há uma comparação lírico-militar: "Através de tuas passadas meus olhos chorando vão, como soldado na praça atrás de seu capitão". Agora não é mais Catarina, é ele quem vai para o norte: "Não sei que será de mim quando eu fôr pra São Mateus; menina, comprei-me a baixa, quero ser cativo seu".

O português não é perfeito, mas se entende, e às vezes é belo. Há um "general de guerra que traz patente do rei", mas de repente tudo isso é

pôsto de lado porque aparece uma informação de última hora que d. Cidalina Santana nos transmite com sua voz lamuriosa: "Vou lhe dar uma notícia que eu já tinha me esquecido: faz 1.500 anos que o menino era nascido; ele nasceu em Belém na era do 1.004, debaixo de uma pedra tôda cercada de mato".

Esta versão do Natal é um pouco estranha, mas não há dúvida de que "quatro" quase que rima com "mato".

Agora acontece um naufrágio em que morrem muitos inocentes — "na barra de Benevente foi uma nau para o fundo, aparece novamente um general, o Brasil já venceu o Paraguai e nós já podemos voltar".

Batem as "barricas" e a caixa, ronca uma cuíca imensa, negra, feita de casca de um só tronco de árvore, tine o "ferrinho", tocam os "cassacos" seu reco-reco, aquela voz de mulher velha é plangente, uma canoa vem baixando o pano na entrada da barra, e me dá uma tristeza vaga e bôba, saudade da infância, lembrança de mulher que não me ama, vontade de morrer no Paraguai.

COPACABANA

VINIÇIUS DE MORAES

*Esta é Copacabana, ampla laguna
Curva e horizonte, arco de amor vibrando
Suas flechas de luz contra o infinito.
Aqui meus olhos desnudaram estrêlas
Aqui meus braços discursaram à lua
Desabrochavam ferás dos meus passos
Nas florestas de dor que percorriam.
Copacabana, praia de memórias
Quantos êxtases, quantas madrugada
Em teu colo marítimo!*

Esta é a areia

*Que eu tanto enlameei com minhas lágrimas
Naquele escuro ali? E' um obelisco
De treva, — cone erguido pela noite
Para marcar por tôda a eternidade
O lugar onde o poeta foi perjuro.
Ali tombei, ali beijei-te ansiado
Como se a vida fôsse terminar
Naquele louco embate. Ali cantei
À lua branca, cheio de bebida
Ali menti, ali me ciliciei
Para gôzo da aurora pervertida.
Sôbre o banco de pedra que ali tens
Nasceu uma canção. Ali fui mártir
Fui réprobo, fui bárbaro, fui santo
Aqui encontrarás minhas pegadas
E pedaços de mim por cada canto
Numa gôta de sangue numa pedra
Ali estou eu. Num grito de socorro
Entreouvido na noite, ali estou eu
No eco longínquo e áspero do morro
Ali estou eu. Vês tu essa estrutura
De apartamentos como uma colmeia
Gigantesca? em muitos penetrei
Tendo a guiar-me apenas o perfume
De um sexo de mulher a palpitar
Como uma flor carnívora na treva.
Copacabana! réstea de edifícios
Cujos nomes dão nome ao sentimento!
Foi no Leme que vi nascer o vento
Certa manhã, na praia. Uma mulher
Tôda de negro, no horizonte extremo
Entre muitos fantasmas me esperava:
A môça dos antúrios, deslembada
A senhora dos círios, cuja alcova
O piscar do farol iluminava
Como a marcar o pulso da paixão
Morrendo intermitentemente. E ainda
Existe em algum lugar um gesto alto
Um brilhar de punhal, um riso acústico
Que não morreu. Ou certa porta aberta
Para a infidelidade: inesquecível
Frincha de luz a separar-me apenas
Do irremediável. Ou o abismo aberto
Embaixo, elástico, e o meu ser disperso
No espaço em tórno, e o vento me chamando
Me convidando a voar... (Ah, muitas mortes
Morri entre essas máquinas erguidas
Contra o Tempo!) Ou também o desespero
De andar, como um metrônomo, para cá
E para lá, marcando o passo do impossível
À espera do segrêdo, do milagre
Da poesia.*

Tu, Copacabana

*Mais que nenhuma outra foste a areia
Onde o poeta lutou contra o invisível
E onde encontrou enfim sua poesia
Talvez pequena, mas suficiente
Para justificar uma existência
Que sem ela seria incompreensível.*

SOCIETY

IBRAHIM SUED

Herbert Moses escreve hoje

Antes de embarcar para Cannes e para o Principado de Mônaco, pedi ao sr. Herbert Moses, que, como presidente da ABI, pode ser considerado o jornalista n.º 1 do Brasil, que escrevesse a minha coluna semanal de MANCHETE. E' com muita honra, pois, que cedo, desta vez, o meu lugar ao presidente Herbert Moses.

Meu caro Ibrahim Sued:

Você já recebeu a consagração de Manuel Bandeira, em crônica que teve larga circulação; assim, causou-me certa perplexidade o pedido que me fez — de que eu escrevesse uma pequena crônica, a fim de a publicar em sua coluna, que, segundo se diz, é das coisas brasileiras mais lidas no Brasil e no exterior. Não fiz qualquer segrêdo da minha surpresa quando você se iniciou como colunista, pois não entendi logo como poderia transformar-se de fotógrafo (e nisso não vai a mais leve ponta de desdouro; você mesmo não faz mistério da sua antiga especialidade de manejador de câmaras fotográficas) em ágil fixador de fatos e flagrantes do nosso "society" — ou, mesmo, do "international set", como costuma dizer.

A verdade, porém, meu caro Ibrahim, é que você decepcionou aqueles que duvidavam de seu sucesso — ou acreditavam no seu fracasso (o que não é a mesma coisa, embora pareça, à primeira vista). Basta um exemplo: a "dama de preto". Você a criou e lançou, dando-lhe tal vida que até hoje quando encontramos uma senhora vestida de negro ficamos em dúvida: será ela? Veio, depois, "shangay", mas eu confesso que prefiro passar adiante, pois me dá até arrepios pensar nessa palavra e no, que



O sr. Herbert Moses gentilmente atendeu ao convite do colunista.

passou a representatar. Ai, talvez, você possa imaginar que me preocupo com a gente "Kar"; não, meu caro, a gente "Kar" não se preocupa comigo, porisso não sou eu quem vai se preocupar com ela. "Gente bem" (B—E—M) também, não, porque não sei pronunciar a segunda palavra com a riqueza tonal que você lhe dá. A cegonha já deixou tantos cartões de visita que perdi a estatística. desde que você iniciou sua coluna. As suas notas internacionais demonstram que você tem uma vasta rede de "espionagem", espalhada pelo mundo inteiro. Também não me passou despercebido que você já se tornou um "árbitro da moda", a ponto de não consentir que alguém de responsabilidade ande com calças com um centímetro a mais no comprimento ou um centímetro a menos quando se senta.

De qualquer maneira, meu caro Ibrahim, uma coisa é certa: ninguém consegue ficar totalmente indiferente ao impacto de sua coluna. Lembro-me que, em Lisboa, na Embaixada Brasileira, a encantadora embaixatriz Heitor Lyra fez-me algumas perguntas sobre "potins" da nossa sociedade e, como não me mostrasse perfeitamente em dia, ela reclamou: "Mas, como o senhor não sabe, o senhor que é d'O Globo? Saiu na coluna do Ibrahim Sued". Também em Caxias, quando presidi a um concurso de beleza, a "Rainha" perguntou-me prontamente: "O senhor acha que o Ibrahim vai dar uma nota a meu respeito?". E em Nova Orleães, "Chez Arnaud", onde se serve uma sopa em que aparece de quando em vez uma pedra preciosa, alguém me segredou ao ouvido: "Sabe que prefiro o Ibrahim aos colunistas americanos?". Em Quitandinha, se exclama: "O que falta ao Rolla é o Ibrahim colocar sua tenda de trabalho aqui". Em São Paulo imitam você — mas o páreo é duro. Em Nova Iorque, em Riverside 50, nos jantares presididos pelo Cônsul Dora de Vasconcellos, com os ares de "plus que reine", apesar da sua afabilidade na sua mesa de trabalho, no Consulado, meu caro Sued, você é lembrado pela nossa boa amiga Ilka Labarthe, pelo José Roberto de Vasconcellos, futuro advogado e filho do Cônsul — não, não posso continuar; apenas quero contar êste fato: — quando o avião vai aterrissar, alguém ao ouvido me pergunta: "O Sued vem buscar você?" Quem sou eu, meu caro? — Só o (a) Herbert Moses.